

Mediadores da Alteridade: cristianismo e interculturalidade na etnologia ameríndia contemporânea

Flávio Braune Wiik

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Brasil
E-mail: flaviowiik@gmail.com

MONTERO, Paula (Org.). *Deus na Aldeia*: missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Editora Globo, 2006. 583 p.

Fazendo uso de um código cristão amplamente compartilhado mundo afora, *confesso* que não constitui tarefa fácil escrever, em tão pouco espaço, uma resenha que contemple satisfatoriamente a presente obra organizada por Paula Montero. *Deus na Aldeia* agrega densidade tanto em termos da complexidade teórico-metodológica proposta quanto pela variedade de campos e abordagens oferecidos pelos textos históricos e etnográficos reunidos. Porém, estes se mostram minimamente agregados em torno do objetivo comum em se construir um novo paradigma antropológico acerca da natureza dos processos sociais decorrentes da alteridade. Mais especificamente, o conjunto da obra propõe um novo olhar sobre como questões e processos atrelados à alteridade devem ser compreendidos e analisados pela antropologia a partir de um campo social privilegiado: o da ação e interação de missionários cristãos e membros de sociedades indígenas no continente americano, tanto no passado quanto no presente extremamente marcado pela interculturalidade e globalização.

Os capítulos do livro, resultado da colaboração de onze autores, discorrem sobre cinco grandes feixes ou problemáticas: os inerentes às relações entre antropologia e história e as especificidades de seus respectivos campos metodológicos; os das definições e conceitualizações acerca da cultura e religião; os da tradução no processo da mediação cultural; os da noção de rede ao analisar relações sociais e simbólicas; e os da interculturalidade e a produção de sentido (Montero, 2006, p. 11-12).

Tanto na “Introdução” quanto no Capítulo I, “Índios e Missionários no Brasil: para uma teoria da Mediação Cultural”, Montero chama a atenção para o fato de que as respostas e desdobramentos sociais inerentes à alteridade devem ser (re)vistos à luz da centralidade do papel da cultura – complexa criação humana – e/ou elementos a ela atrelados e agregados em torno do termo *religião*. Sendo assim, o cristianismo (e seus protagonistas) – obra da cultura *par excellence*, amplamente difundido e incorporado por estar atrelado à universalização do capitalismo ocidental e, dada a sua natureza intrínseca portadora de múltipla vocalidade, envolvendo dimensões físicas e metafísicas – torna-se instrumento privilegiado para observarmos as configurações das relações interculturais travadas entre padrões culturais hegemônicos e periféricos, entre o global e o local, entre contextos históricos abrangentes e específicos. Os frutos destas relações nada mais são do que resultados de processos sociais decorrentes da própria produção da alteridade, das mudanças ou sedimentações culturais, ou mesmo, sobre a *canibalização do outro* nos-e-pelos contextos e atores locais.

Como já observara (Wiik, 2004), um exemplo etnográfico concreto da construção da alteridade na interculturalidade atual, à luz do destacado papel mister exercido pelo Cristianismo nas fronteiras Indígenas, pode ser observado entre os Índios Xokleng (jê) de Santa Catarina. Evangélicos pentecostais desde meados dos anos 50, os Xokleng justapõem sua identidade religiosa de *Índio crente* à outra categoria étnica, parte de sua identidade étnica, a de *Índio puro*. Ou seja, os Xokleng, ao interagirem com os missionários pentecostais, iniciaram um processo político e sociocultural de identificação do *outro*; porém, este *outro*, ao mesmo tempo em que começa a fazer parte de sua percepção acerca da diferença, também se tornou parte constitutiva dos discursos identitários particularizadores dos integrantes dessa sociedade. Trata-se de um exemplo clássico de como a alteridade desencadeia processos dialéticos de rupturas e continuidades; ou mesmo, como tem argumentado Sahlins, de como os modelos *nativos* acabam por traduzir e filtrar elementos exógenos, transformando-os – ou pelo menos se fazendo passar por – endógenos e/ou autóctones. Em jogo estão as análises antropológicas acerca da dialética que paira sobre a

deliberada intenção de pasteurização protagonizada pela globalização e as inesperadas e imprevisíveis respostas locais que podem e têm desencadeado processos de *retnização* e *etnogênesis* de grupos ameríndios. A análise deste complexo processo sócio-histórico e simbólico é designada por Montero de **Mediação Cultural**.

Como pano de fundo da discussão apresentada por *Deus na Aldeia* – e que justifica um sofisticado conjunto de discussões, revisões bibliográficas, releituras acerca de teorias e metodologias sobre o Contato e novas proposições teórico-metodológicas – repousa o grande empreendimento antropológico moderno em responder satisfatoriamente os porquês, os modos, as motivações assim como os processos atrelados à mudança cultural. Superadas as a-históricas totalidades culturais malinowskianas, o tema da mudança cultural – atrelada à intensificação da preocupação com o tema da alteridade decorrente do expansionismo do ethos ocidental de forma sistemática a partir do pós II Guerra Mundial –, confunde-se com a própria história do desenvolvimento de considerável parte da produção de conhecimento antropológico contemporâneo.

Não cabe aqui discorrer em detalhes ou analisar sistemática e criticamente a proposta teórico-metodológica da organizadora da obra, posta à prova frente a boa parte dos estudos etnográficos e históricos que a compõem. Contudo, cabe ressaltar que a despeito de sua envergadura – por se tratar de um conjunto muito rico de contribuições cuja maior parte dos autores forma um grupo de pesquisa coordenado por Montero há mais de uma década, assim como pelo fato de que todas contemplem o papel mediador exercido pelos agentes e contíguos do fenômeno cristão frente ao universo indígena e à produção da alteridade – observa-se um considerável *gap* entre a proposta teórico-metodológica avançada pela organizadora e os artigos que se seguem ao longo do livro. Como a própria Montero chama subliminarmente a atenção, a análise (das práticas missionárias) nos termos propostos representa um desafio na elaboração de “um lugar teórico para uma antropologia das mediações culturais” (Montero, 2006, p. 58). Parafraseando o saudoso Cardoso de Oliveira, incorporar ao olhar, ao ouvir e ao escrever antropológicos uma nova perspectiva teórica não se dá

automaticamente; ou mesmo, fazendo uso das palavras de Montero, o “compartilhamento de [novos] códigos” (p. 27) – fruto do próprio processo da Mediação Cultural – deflagra dinâmicas atreladas à alteridade dentro da própria história da produção e reprodução da antropologia como produtora de um conhecimento específico, dando a estas um viés claramente político, onde se observa claramente relações de poder mediando os atores/mediadores e campos envolvidos. Essas relações de poder sobre novos códigos a serem compartilhados, seja no centro ou na periferia, se dão nas mais diversas esferas onde se disputam a legitimidade da produção acadêmica, através das negações, superações e apropriações de símbolos, visões de mundo, da oratória, estilos e textualizações acerca das culturas e dinâmicas sociais observadas.

Ao longo destas décadas, o campo político da produção do conhecimento antropológico e sua busca por legitimidade têm se deparado com o que George Stocking Jr. chama de *Theoretical Constraints*, ou seja, tem sido cerceado por limitações teóricas que balizam seu campo de análise ao longo do tempo e propostas teóricas de cada tempo (a exemplo: difusionismo, aculturação etc.); proposições teóricas estas vistas na atualidade como superadas, ou pelo menos facilmente criticadas, diferentemente da forma com que foram apreciadas quando formuladas. Sendo assim, nos cabe impor sobre proposições teóricas hegemônicas avançadas na antropologia um caráter transitório e contextual. Em outras palavras, devemos encará-las como dinâmicas ou até mesmo cíclicas. A Mediação Cultural deve ser analisada à luz desta observância; como constituinte da reinvenção da Antropologia ao longo do tempo.

Recordo-me da primeira vez em que tive contato, de fato, com o conceito de *mediação cultural*, há uns dez anos, em uma disciplina sobre Antropologia da Saúde ministrada pela professora Jean Comaroff durante meu doutoramento em Antropologia Social na Universidade de Chicago. Se esse conceito mostrava-se extremamente revelador acerca dos processos sociais nativos atrelados à conversão dos Tshidi ao cristianismo evangélico e a sua “apropriação” que, em última instância, mediou a libertação desta sociedade do regime de apartheid do sul da África, tal conceito, reverenciado nos circuitos acadêmicos voltados para os estudos pós-coloniais, não encontrava ressonância

no campo da etnologia indígena ameríndia no Haskell Hall – então fortemente influenciado pelo Estruturalismo, seja ele levi Straussiano ou não. Sendo assim, à época e quiçá ainda hoje, não era aceitável aplicar o conceito de Mediação Cultural para dar conta da forte presença do cristianismo pentecostal e/ou evangélico entre as sociedades indígenas ameríndias. Mesmo que já não mais vistos como meros objetos do colonialismo cristão, os processos socioculturais indígenas de apropriação de elementos advindos do contato não diziam respeito à conversão religiosa, sua apropriação e antropomização, mas estavam restritos às etnografias sobre parentesco, cosmologias do contato e medicina. Simplesmente não havia *mediação*!

Enquanto o *Centro* resistia, vindas consecutivas ao Brasil para pesquisa de campo, participação nas Reuniões Brasileiras de Antropologia, somados à leitura atenta de obras e artigos acadêmicos dedicados a estudos etnográficos sobre processos socioculturais decorrentes e atrelados à presença cristã contemporânea nas sociedades indígenas, corroboravam com o que vinha observando no campo religioso (e/ou cultural) entre os Índios Xokleng. Portanto, na antropologia da academia, a Mediação Cultural, como produtora de códigos compartilhados (Montero, 2006, p. 54) abria espaço e ganhava legitimidade no cenário antropológico e da etnologia brasileira. A despeito de suas particularidades analíticas e de campos de investigação, as coletâneas organizadas por Robin Wright (*Transformando os Deuses*, volumes I e II) devem ser consideradas obras pioneiras; representam marco importante neste processo de tornar visível uma nova abordagem antropológica sobre um universo empírico latente. É a esse universo que a coletânea organizada por Montero soma-se.

Por fim, cabe ressaltar que a Mediação Cultural, tida como proposição teórica e metodológica que ganha corpo nas relações interculturais atreladas ao campo da alteridade religiosa, não se finda na análise antropológica *strictu sensu* da ação das sociedades humanas, principalmente, na imbricação da análise da cultura – tida como produto humano, pelo menos como temos entendido a humanidade a partir da perspectiva secularizada no ocidente moderno – associada às análises políticas e sociológicas. Sobre a Mediação Cultural e dian-

te das conexões interculturais que a possibilita, a escolha de alguns códigos que serão compartilhados em detrimento de outros, para, em última instância, uma dimensão altamente politizada, onde a eficácia da “evangelização” sobre os nativos não está na simples sobreposição de um modelo cultural hegemônico sobre o outro periférico, nem deve ser vista como resultado de disputas meramente simbólicas mas, principalmente, como um processo de negociação de elementos materiais e simbólicos que envolve agentes históricos concretos, providos de intencionalidades muitas vezes adversas, munidos de poderes e instrumentos materiais e imateriais assimétricos e sob a égide de contextos históricos específicos, e onde ainda encontram-se nas chamadas “totalidades” socioculturais – como comumente tratamos “ocidentais cristãos” versus ameríndios animistas – subgrupos providos de visões de mundo e interesses próprios e díspares, e que, portanto, agem segundo motivações contrárias à maioria dos membros de sua sociedade, disputando espaços que legitimarão poderes e ações próprias dentro das totalidades. Tais elementos povoam e caracterizam tanto os processos de Mediação Cultural deflagrados a partir da interação entre missionários e nativos providos de elementos culturais, princípios ideológicos, ideais societários próprios (e muitas vezes avessos), quanto a luta político-ideológica pela legitimidade sobre as formas autênticas e verazes acerca do conhecimento acadêmico. Cabe a nós, sujeitos e objetos desses processos, retratá-los etnográfica e historicamente, mantendo-nos minimamente fiéis aos princípios conceituais edificantes do campo antropológico, tais como: o relativismo, a observância crítica de posições etnocêntricas, os processos locais de objetificação e representações sociais acerca da cultura, assim como um mínimo distanciamento objetual. Se tal tarefa junto ao campo ameríndio mostrasse em seus primeiros passos e distante da averiguação empírica cabal dada a sua complexidade e “novidade” – principalmente no que tange a dificuldade em identificarmos os códigos compartilhados nas “zonas de interculturalidade” (Montero, 2006, p. 59) –, imaginem quando diante da Mediação Cultural no campo da produção acadêmica que necessita projetar novos códigos a serem compartilhados, onde, diante do Centro, quase todos nós, antropólogos periféricos – mesmo que não

anuentes com esta categoria êmica-identitária ou tampouco “religiosa”, posto que se mostra muito mais ética-atribuída – somos os seus Índios! Torçamos para que o deslocamento do epicentro do poder se dê também no campo da produção e legitimidade acadêmicas, como temos observado no campo ameríndio. *Deus na Aldeia* mostra-se como mais um inovador porta-voz acerca desse deslocamento, há muito necessário.

Referências bibliográficas

- WIIK, Flávio. *Christianity Converted: an ethnographic analysis of the Xokleng Laklanõ indians and the transformations resulting from their encounter with pentecostalism*. 2004. Dissertation (Ph.D. in Anthropology) - The University of Chicago, Chicago, 2004.
- WRIGHT, Robin (Org.). *Transformando os deuses: os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil*. Vol. I. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.
- _____. (Org.). *Transformando os deuses: igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil*. Vol. II. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

Recebido em: 01/7/2008

Aceite em: 19/7/2009